

**2ª  
SÉRIE**

# **CANAL SEDUC-PI2**



PROFESSOR (A):

**MAC  
DOWELL**



DISCIPLINA:

**FILOSOFIA**



AULA Nº:

**01**



CONTEÚDO:

**FILOSOFIA POLÍTICA: PAZ NA  
ARISTÓTELES ESCOLA**



TEMA GERADOR:



DATA:

**27/04/2020**

## Finalidade da vida política para a Filosofia grega

Política

Justo é o que segue a ordem natural e respeita a lei natural.

A *pólis* existe por natureza ou por convenção entre os homens?

### Para os Sofistas:

- a *pólis* nasce por convenções;
- a justiça é o consenso quanto às leis;
- a finalidade da política é criar e preservar esse consenso – concórdia.

# FUNDAMENTAÇÃO histórica

## • P. CLÁSSICO

### Platão e "A República"

Platão (427-347 a.C.) foi o primeiro a estudar a sob uma perspectiva "científica". Ele percebia que a *polis* estava "contaminada" pelas idéias dos sofistas, e buscou uma maneira de "curá-la" desse mal, através da racionalidade.

Em seu livro *A República*, Platão desenvolveu seu pensamento político, através da descrição do que seria, em sua concepção, a *forma ideal de governo*. Para Platão, a educação era a base da vida social, e sua importância era tão grande, que deveria ser assumida exclusivamente pelo Estado. Através da educação, cada homem poderia desenvolver suas aptidões, e os que chegassem a se tornar *filósofos* (esse seria o mais alto grau de racionalidade atingível), seriam incumbidos do governo do Estado.

# FUNDAMENTAÇÃO histórica

## • P. CLÁSSICO

Platão não desejava restaurar nenhum sistema político. A experiência havia mostrado que, nem a oligarquia, nem a monarquia, nem a democracia funcionavam bem ("funcionar bem", para Platão, significava "ser justo"). O que Platão pretendia era, em verdade, criar uma forma de governo perfeita, baseada exclusivamente na *racionalidade*. O grande equívoco de Platão foi imaginar que os filósofos, por supostamente terem o domínio da razão, não fossem capazes de cometer injustiças. Seu projeto político jamais foi posta em prática.



# Finalidade da vida política

## Para Platão:

- os seres humanos e a *pólis* têm a mesma estrutura:
  - alma concupiscente ou desejante,
  - alma irascível ou colérica e
  - alma racional ou intelectual;
- classe econômica dos proprietários de terra, artesãos e comerciantes;
- classe militar dos guerreiros;
- classe magistrada.

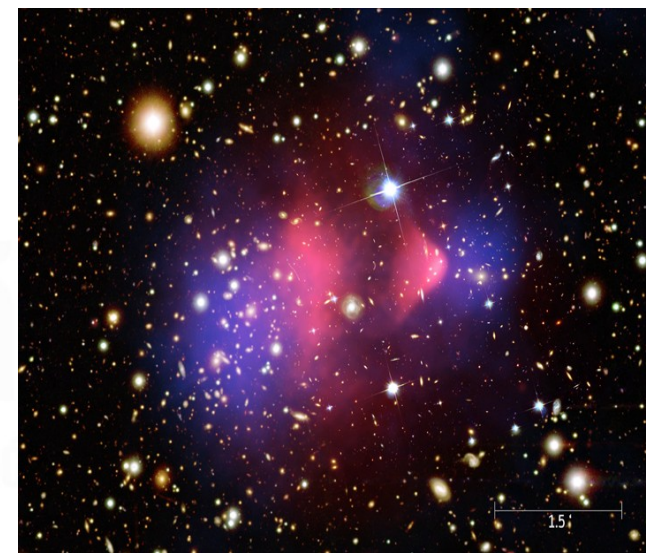


Imagem: NASA/CXC/M. Weiss / Composite image showing the galaxy cluster 1E 0657-56, better known as bullet cluster / public domain.

# Finalidade da vida política

## Para Platão:

“O homem é injusto quando a alma concupiscente (os apetites e prazeres) é mais forte do que as outras duas, dominando-as. Também é injusto quando a alma colérica (a agressividade) é mais poderosa do que a racional, dominando-a.”

“O homem justo é o homem virtuoso; a virtude, domínio racional sobre o desejo e a cólera [\(3\)](#).”

“A justiça ética é a hierarquia das almas, a racional, superior, que domina as inferiores.”



Imagem: Político, olha a falta que a ética faz. OAB-SP / link: <http://ovotolimpo.blogspot.com.br/2009/08/politico-olha-falta-que-etica-faz.html>

# Finalidade da vida política

**Para Platão:**

Como realizar a cidade justa?

Pela educação dos cidadãos – homens e mulheres.

“A cidade justa é governada pelos filósofos, administrada pelos cientistas, protegida pelos guerreiros e mantida pelos produtores [\(4\)](#).”



Imagem: Americanadian 8 / Disponibilizado por harfang. / Fall foliage - Berlin, New Hampshire © 2006 Mark R. Ducharme. Creative Commons Attribution-Share Alike 3.0 Unported.

## 1. (UEPA 2015)

Platão: A massa popular é assimilável por natureza a um animal escravo de suas paixões e de seus interesses passageiros, sensível à lisonja, inconstante em seus amores e seus ódios; confiar-lhe o poder é aceitar a tirania de um ser incapaz da menor reflexão e do menor rigor. Quanto às pretensas discussões na Assembleia, são apenas disputas contrapondo opiniões subjetivas, inconsistentes, cujas contradições e lacunas traduzem bastante bem o seu caráter insuficiente. (*CHATELET, F. História das Ideias Políticas. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 17*).

Os argumentos de Platão, filósofo grego da antiguidade, evidenciam uma forte crítica à:

- a) oligarquia
- b) república
- c) democracia
- d) monarquia
- e) plutocracia.



2. Alegoria da Caverna de Platão, além de ser um texto de teoria do conhecimento, é também um texto político. No sentido político, é correto afirmar que Platão sustentava um modelo.

- a) monárquico, cujo governo deveria ser exercido por um filósofo e cujo poder deveria ser absoluto, centralizador e hereditário
- b) aristocrático, baseado na riqueza e que representava os interesses dos comerciantes e nobres atenienses, por serem os mecenas das artes, das letras e da filosofia
- c) democrático, baseado, principalmente, na experiência política de governo da época de Péricles
- d) aristocrático, cujo governo deveria ser confiado aos melhores em inteligência e em conduta ética
- e) tirânico, cujo governo está concentrado nas mãos de um soberano que o exerce com poderes totais.

3. “– Mas escuta, a ver se eu digo bem. O princípio que de entrada estabelecemos que devia observar-se em todas as circunstâncias, quando fundamos a cidade, esse princípio é, segundo me parece, ou ele ou uma das suas formas, a justiça. Ora nós estabelecemos, segundo suponho, e repetimo-lo muitas vezes, se bem te lembras, que cada um deve ocupar-se de uma função na cidade, aquela para qual a sua natureza é mais adequada”. (PLATÃO. A República. Ed. Lisboa: Calouste-Gulbenkian, 2001, ).

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a concepção platônica de justiça, na cidade ideal, assinale a alternativa correta.

- a) Para Platão, a cidade ideal é a cidade justa, ou seja, a que respeita o princípio de igualdade natural entre todos os seres humanos, concedendo a todos os indivíduos os mesmos direitos perante a lei.
- b) Platão defende que a democracia é fundamento essencial para a justiça, uma vez que permite a todos os cidadãos o exercício direto do poder.
- c) Na cidade ideal platônica, a justiça é o resultado natural das ações de cada indivíduo na perseguição de seus interesses pessoais, desde que esses interesses também contribuam para o bem comum.
- d) Para Platão, a formação de uma cidade justa só é possível se cada cidadão executar, da melhor maneira possível, a sua função própria, ou seja, se cada um fizer bem aquilo que lhe compete, segundo suas aptidões.
- e) Platão acredita que a cidade só é justa se cada membro do organismo social tiver condições de perseguir seus ideais, exercendo funções que promovam sua ascensão econômica e social.

# ARISTÓTELES (384-322 A.C.)

Para Aristóteles, o grande objetivo da vida do homem era ser feliz; para isso, deveria desenvolver suas aptidões. A natureza, tal qual era, não permitia que um homem isolado se desenvolvesse plenamente. Por essa razão, os homens se uniam para a realização de um bem maior e mais importante: a constituição e manutenção da *polis*.

PROGRAMA DE MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA



## Aristóteles (384-322 a.C.)

Esse fenômeno, segundo Aristóteles, acontecia naturalmente, e o homem seria assim, *naturalmente* um "animal da cidade" (em grego, como visto acima, *polis*), ou seja, o homem seria, por natureza, um *animal político*. Assim, para Aristóteles, o interesse coletivo deveria necessariamente ser mais importante que o interesse particular.

PROGRAMA DE MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA

**2<sup>a</sup>  
SÉRIE**

# **CANAL SEDUC-PI2**



PROFESSOR (A):

**MAC  
DOWELL**



DISCIPLINA:

**FILOSOFIA**



AULA Nº:

**01**



CONTEÚDO:

**FILOSOFIA POLÍTICA: PAZ NA  
ARISTÓTELES ESCOLA**



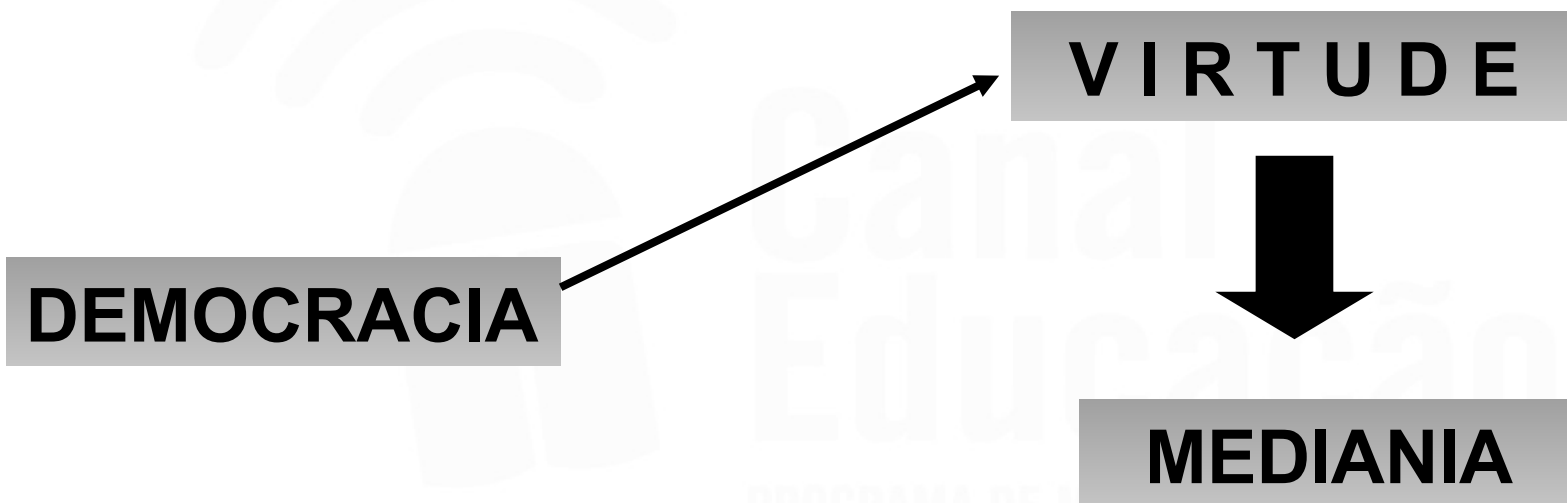
TEMA GERADOR:



DATA:

**04/05/2020**

# Aristóteles (384-322 a.C.)



# Finalidade da vida política

“À cidade justa caberá distinguir os dois tipos de justiça e realizar ambos.”

“A justiça distributiva consiste em dar a cada um o que lhe é devido e sua função é dar desigualmente aos desiguais para torná-los iguais.”

“Somente os que não são forçados às labutas ininterruptas para a sobrevivência são capazes de uma vida plenamente humana e feliz.”

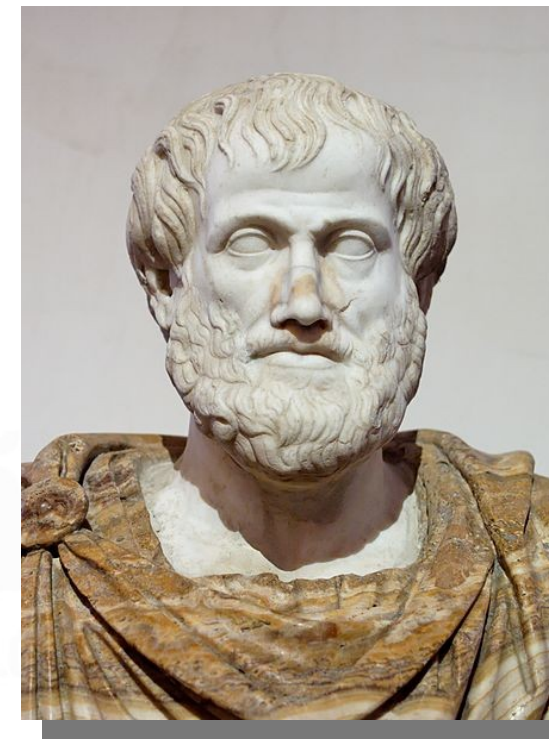


Imagem: Busto de Aristóteles / Cópia de Lysippus / Museo nazionale romano di palazzo Altemps/ Domínio Público.



# JUSTIÇA EM ARISTÓTELES

- Para Aristóteles, a virtude está no meio termo.
- Ela não deve pender para os **excessos**, tanto para **mais** como para **menos**.
- No livro V de Ética a Nicômaco, ele afirma que a *justiça é o principal fundamento da ordem do mundo*.
- Ela tem que ser **construída** na vida prática, isto é, pela obediência às leis da pólis e pelo bom relacionamento com os cidadãos.

1. (ENEM 2017) Se, pois, para as coisas que fazemos existe um fim que desejamos por ele mesmo e tudo o mais é desejado no interesse desse fim; evidentemente tal fim será o bem, ou antes, o sumo bem. Mas não terá o conhecimento, porventura, grande influência sobre essa vida? Se assim é, esforcemo-nos por determinar, ainda que em linhas gerais apenas, o que seja ele e de qual das ciências ou faculdades constitui o objeto. Ninguém duvidará de que o seu estudo pertença à arte mais prestigiosa e que mais verdadeiramente se pode chamar a arte mestra. Ora, a política mostra ser dessa natureza, pois é ela que determina quais as ciências que devem ser estudadas num Estado, quais são as que cada cidadão deve aprender, e até que ponto; e vemos que até as faculdades tidas em maior apreço, como a estratégia, a economia e a retórica, estão sujeitas a ela. Ora, como a política utiliza as demais ciências e, por outro lado, legisla sobre o que devemos e o que não devemos fazer, a finalidade dessa ciência deve abranger as das outras, de modo que essa finalidade será o bem humano.

(ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco).

Para Aristóteles, a relação entre o sumo bem e a organização da pólis pressupõe que

- a) o bem dos indivíduos consiste em cada um perseguir seus interesses.
- b) o sumo bem é dado pela fé de que os deuses são os portadores da verdade.
- c) a política é a ciência que precede todas as demais na organização da cidade.
- d) a educação visa formar a consciência de cada pessoa para agir corretamente.
- e) a democracia protege as atividades políticas necessárias para o bem comum.

# O papel da Igreja Católica no pensamento político medieval

- Ao longo de quase toda a idade média, todo o pensamento político do mundo ocidental esteve cerceado pela ideologia moralista da Igreja Católica. Dessa forma, toda a produção teórica acerca da busca pela formulação de um sistema de governo calcado na moral cristã.
- **Santo Agostinho** (354-430), escreveu o livro *A Cidade de Deus*, em que afirmava que essencialmente a cidade humana era imperfeita, e que aqueles que vivessem em conformidade com os preceitos cristãos habitariam, após a morte, na Cidade de Deus, onde tudo era justo e perfeito.



# O papel da Igreja Católica no pensamento político medieval

- São Thomas Morus (1477-1535), em seu livro *Utopia* (1516), apresentou um modelo de sociedade ideal, onde havia justiça e igualdade para todos os cidadãos, uma vez que viviam, naquela sociedade, de acordo com a "Santa Fé Católica". Morus, católico, foi contra a instalação da Igreja Anglicana por Henrique VIII, o que diminuiria na Inglaterra, como de fato diminuiu, o poder do Papa.



**• P. MODERNO**

Como surgiram as primeiras sociedades?  
Como poder-se-ia justificar e legitimar o  
poder do Estado sobre os indivíduos?

Foram famílias que cresceram e  
formaram os primeiros  
agrupamentos humanos, que  
mais tarde deram origem às  
vilas e, posteriormente às  
cidades?

Qual o fundamento que  
explica o surgimento do  
Estado e, conseqüentemente,  
por quê as pessoas devem  
obedecer às ordens emanadas  
no âmbito do Estado?

O Estado antecedeu a sociedade, ou a  
sociedade veio antes do Estado?

**CONTRATUALISMO**

# Contratualismo

- Para os contratualistas, a sociedade antecedeu o Estado. Primeiramente, os indivíduos se uniram em grupos, que eram a princípio desorganizados do ponto de vista do poder político, e onde imperava, diante da ausência de uma autoridade geral e de regras de convivência, a lei do mais forte.
- Nesse momento, ao surgir um conflito de interesses entre dois ou mais indivíduos, satisfaria sua pretensão aquele que fosse forte o suficiente para subjugar os demais. A esse estágio, os contratualistas chamam de *estado de natureza*. Vive aí, o homem, em estado de absoluta natureza, em que predomina a força, e a violência é a única forma de solução de conflitos. O estado de natureza caracteriza-se pela *insegurança*, pela *incerteza* e pelo *medo*.

# Contratualismo

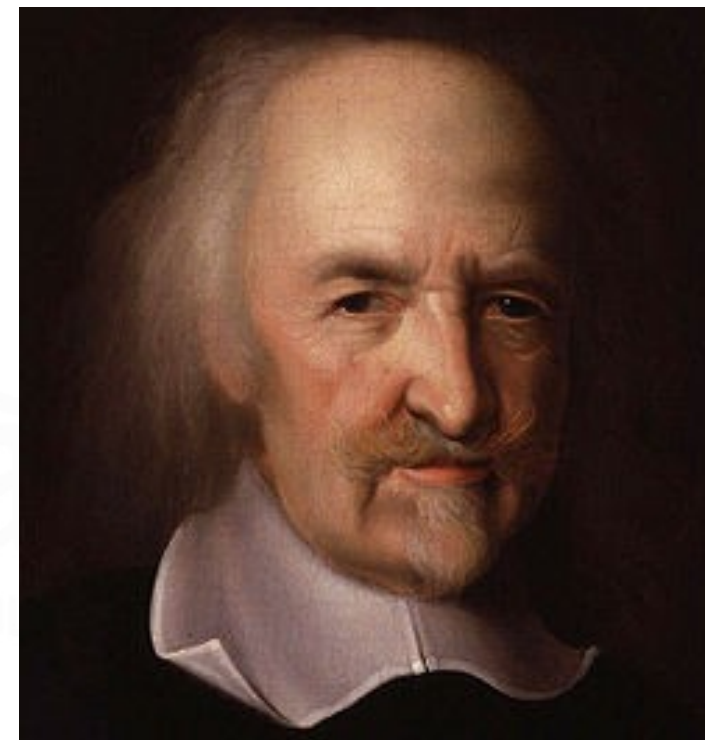
- Os contratualistas pregavam que, em determinado momento, desejando os homens instaurar a segurança e a paz social, reuniram-se todos e celebraram um contrato, a que chamaram de *contrato social*, ou *pacto social*.
- Através desse contrato, todos concordaram em abrir mão de parte ou de toda sua liberdade, transferindo-a para um soberano, que teria por incumbência organizar a sociedade e manter a paz, solucionando os conflitos, diminuindo assim as desigualdades relacionadas à força física.





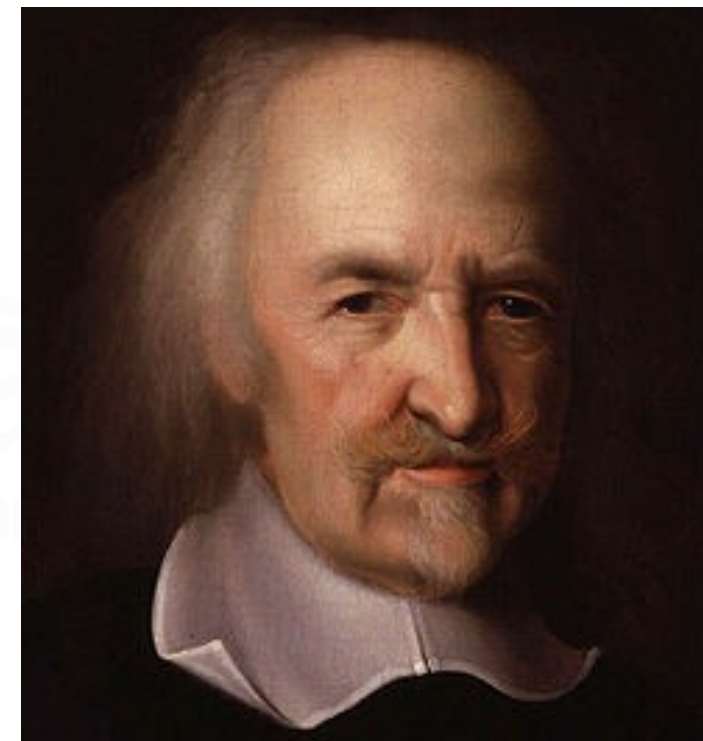
## Thomas Hobbes (1588-1679)

- O homem era *naturalmente* mau, mesquinho, invejoso e egoísta. Seu grande objetivo na vida era obter mais vantagens do que os outros. Assim, segundo Hobbes, vivendo no *estado de natureza*, a humanidade tendia a viver sempre em conflito, guerras e disputas entre si.
- Dessa forma, seria difícil para o homem preservar seu bem maior – a vida, uma vez que, por exemplo, mesmo os mais fortes são vulneráveis quando dormem. Para acabar com esse clima de "guerra eterna", os homens se reuniram e celebraram um *pacto social*, através do qual abdicavam de parte de sua liberdade, em favor do soberano, que passaria a ter plenos poderes para organizar a sociedade e dirimir os conflitos, impondo aos indivíduos a sua decisão.



## Thomas Hobbes (1588-1679)

- Hobbes foi, dessa forma, um ferrenho defensor do *absolutismo*. Para ele, apenas dispondo de plenos poderes (já que fora o único a não participar do pacto), o soberano poderia manter a paz e a ordem na sociedade. Poderia, se julgasse necessário, matar, mentir, não manter a palavra empenhada, etc., sem dever quaisquer satisfações a quem quer que fosse.



## John Locke (1632-1704)

- A importância de John Locke para o desenvolvimento do pensamento político ocidental parece não ter, à primeira vista, tanto relevo. O que chama a atenção, em verdade, é o fato de Locke haver representado, talvez pela primeira vez, o ideal político de uma classe, naquele momento em franca ascensão no cenário político e econômico europeu: a burguesia. Locke, avesso ao ideal político hobbesiano, foi o defensor por excelência da manutenção do poder político do Parlamento inglês, em contraposição ao absolutismo do rei.
- À semelhança de Hobbes, Locke foi um contratualista. Este, porém, preconizava que o pacto social tinha por fim a proteção da propriedade privada pelo Estado. Locke acreditava que cabia ao Estado proteger a propriedade privada, a ordem e a paz, e que, na medida em que não o estivesse fazendo a contento, seria perfeitamente possível e lícito desfazer o pacto, já que o mesmo não cumpria sua finalidade.

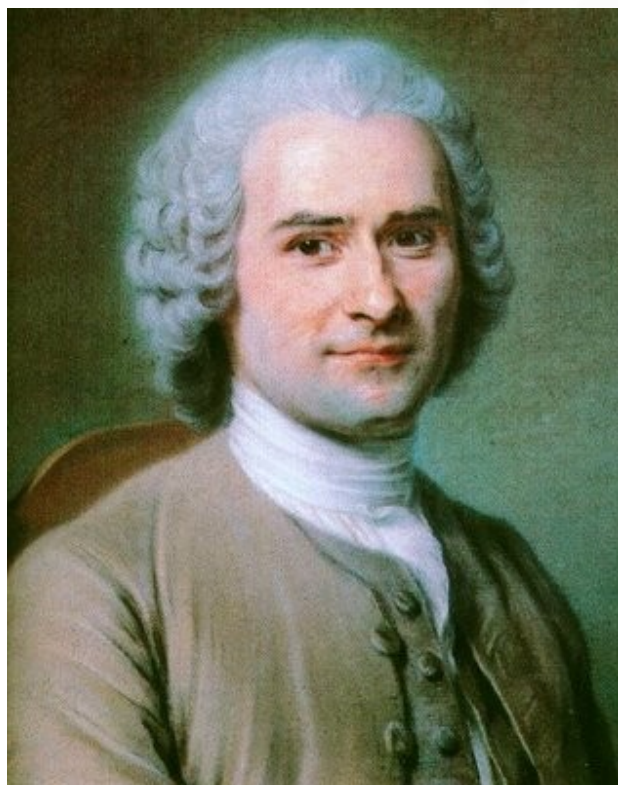
## Jean-Jacques Rousseau (1712-1778)

- Seu pensamento influenciou toda a geração posterior de poetas, romancistas e contistas. Seu ideal político serviu de mote para a Revolução Francesa de 1789.
- Rousseau também foi um contratualista. Porém, ao contrário de Hobbes, acreditava que o homem era essencialmente bom: vivendo no "estado de natureza", não era capaz de fazer o mal, exceto para se defender; sendo tudo acessível a todos, não havia motivo para disputas interpessoais.



## Rousseau (1712-1778)

- Tudo começou a dar errado, segundo Rousseau, quando surgiu a propriedade privada. Sobre como isso se deu, afirma ele:



*“O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer isto é meu e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo. Quantos crimes, guerras, assassínios, misérias e horrores não pouparia ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: "Defendei-vos de ouvir esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém!"*



## Rousseau (1712-1778)

- Portanto, para Rousseau, os homens seriam naturalmente bons, e seria a sociedade a lhes corromper. Para o iluminista suíço, o estado de natureza seria, portanto, melhor do que a sociedade civil. Não sendo, entretanto, possível voltar ao estado de natureza, busca desenvolver um sistema político que minore as diferenças entre os homens, criadas pela sociedade civil.
- Rousseau se referia, principalmente, ao falar em "diferenças", da propriedade privada, para ele, a mãe e rainha de todas as misérias humanas.

## Rousseau (1712-1778)

- Os homens, assim, na concepção rousseauniana, firmaram um pacto, o *contrato social*, segundo o qual todos governariam juntos, em prol do bem comum. Rousseau pregava, portanto, que o Estado existia não para defender interesses particulares, e sim para defender a "vontade geral".
- Isso foi tão enfatizado por Rousseau, que ele chamou a vontade geral, ou seja, a opinião comum de todos os cidadãos de "soberano". Ao contrário de Hobbes, por exemplo, para quem soberano era o rei.

## Nicolau Maquiavel (1469-1527)

*Nicolau Maquiavel nasceu em Florença, em 3 de maio de 1469, sendo o terceiro dos quatro filhos (dois homens, duas mulheres) de Bernardo Machiavelli e Bartolomeu Nelli. Pertencia a uma família tradicional, que não chegava a ser abastada, com pelo menos dois séculos de existência em Florença. Seu pai era advogado e também estudioso em humanidades, influenciado pelos ventos da Renascença que há tempos sopravam na Itália. Bernardo Machiavelli se empenhou para proporcionar ao pequeno Nicolau uma educação dentro dos melhores padrões de seu tempo.*

## Nicolau Maquiavel (1469-1527)

- O Príncipe.

*Sua obra mais famosa, O Príncipe, escrita de 1513 a 1516, foi publicada postumamente, em 1532. A obra reflete seus conhecimentos da arte política dos antigos, bem como dos estadistas de seu tempo, e expressa claramente a mentalidade da época. Formulando uma série de conselhos ao príncipe, o autor expôs uma norma de ação autoritária, no interesse do Estado. Deste modo, Maquiavel ilustrou a política renascentista de constituição de Estados fortes, com a superação da fragmentação do poder, que caracterizara a idade média.*

## Estado para Maquiavel

Vale ressaltar a definição de Estado segundo Maquiavel: "...todos os governos que tiveram e têm autoridade sobre os homens...e são ou repúblicas ou principados..."(cap. I).Em seguida, o autor propõe-se a examiná-los com profundidade, de acordo com suas características, inicialmente os hereditários e os mistos. Sobre estes, é interessante ressaltar de sua análise que estes são os menos tangíveis de dominação por parte de um usurpador qualquer e também os de maior capacidade de conservação de poder, devido a força existente no comando de um príncipe de uma linhagem de comando já tradicional. A respeito dos principados mistos, pode-se dizer que sejam um desdobramento, uma continuação, de um Estado já existente, "...Estados, que conquistados, são anexados a um Estado antigo..."(cap. III, número 3).



**Como os principados foram conquistados?**

"Os principados conquistados com as próprias armas e qualidades pessoais"(cap. VI)

"Os principados conquistados com as armas e virtudes de outrem"(cap. VII)

os que conquistaram o principado com malvadez"(cap. VIII), é tratado o fato de se atingir o principado através de "...atos maus ou nefandos..."

## Algumas Peculiaridades da Obra

---

1. Vale destacar a forma que Maquiavel propõe da maneira como devem discorrer as injúrias ao povo, segundo ele "...todas de uma só vez, para que, durando pouco tempo, marquem menos..."
2. Também é interessante a maneira com que os benefícios ao povo devem ser proporcionados: "...pouco a pouco, para serem melhor saboreados..."

## Algumas Peculiaridades da Obra

---

3. O autor na segunda parte da obra discorre sobre as milícias e exércitos, os quais afirma serem as bases principais de sustentação do poder, ao lado de boas leis, e ambos têm uma forte ligação entre si. A respeito dos tipos de milícias, podem ser de quatro tipos: próprias, mercenárias, auxiliares ou mistas.

4. Sobre os deveres do príncipe para com seus exércitos, Maquiavel afirma que a arte da guerra deve ser sempre exercitada, tanto com ações como mentalmente, para que o Estado esteja sempre preparado para uma emergência inesperada e, também, para que seus soldados o estimem e possam ser de confiança.

## Algumas Peculiaridades da Obra

---

5. Depois da discussão das milícias, Maquiavel inicia a terceira e última parte de sua obra: a discussão sobre como devem ser as características da personalidade dos príncipes, inicialmente pelas quais são louvados ou vituperados.

6. Mas a questão a qual o autor mais se atém é que o príncipe deve evitar de todas as maneiras adquirir duas das virtudes: o ódio e o desprezo de seus súditos.

## Algumas Peculiaridades da Obra

---

7. Dentre as qualidades apontadas estão a generosidade, que deve se balanceada pela parcimônia, a economia. O príncipe deve ser generoso, mas não muito, pois pode-se adquirir má fama entre aqueles que não forem beneficiados por esta generosidade, além de atentar para o detalhe de que geralmente, quando alguém ganha, outros perdem, e isso pode gerar o ódio ao príncipe, o que deve ser evitado a qualquer custo.
8. Ser temido ou amado. Na impossibilidade de reunir ambas características, ou de ter que renunciar a um deles, é melhor ser temido, pois trair a alguém a quem se teme é bem mais difícil do que a quem se ama.



## Algumas Peculiaridades da Obra

---

9. Um ponto de destaque é no que diz respeito a postura do príncipe para com seus exércitos: não deve se importar com a fama de cruel para com eles pois "...Sem esta fama, nunca se mantém um exército unido nem disposto a qualquer combate..."(cap. XVII, no. 4).

10. Quanto a palavra do príncipe, afirma que este deve procurar mantê-la mas, quanto isto não for possível, deve-se usar artifícios para "...confundir a mente dos homens..."(cap. XVIII, no. 1). Segundo Maquiavel, o "...príncipe prudente não pode, nem deve, manter a palavra dada, quando lhe for prejudicial"(cap. XVIII, no. 3).

## Algumas Peculiaridades da Obra

---

11. O capítulo mais extenso da obra discute "Como evitar o desprezo e o ódio". O ódio surge quando se perdem bens e honra, pois assim os súditos passam a viver insatisfeitos. Já o desprezo surge quando o príncipe é considerado volúvel, superficial, efeminado, pusilânime, indeciso, características que ele deve evitar a qualquer custo.

12. Também se faz necessário destacar a necessidade de se agradar tanto ao povo como aos nobres, porque conspirações podem surgir de qualquer um dos lados. E para isso, não são necessárias apenas boas ações, mas também as más, pois para agradar um grupo podem ser necessárias ações corruptas, negativas, benéficas partindo-se do princípio de agradar os súditos.

## Algumas Peculiaridades da Obra

---

13. Maquiavel escreve mais diversas considerações, que poderiam ser considerados apêndices, a respeito de diversos assuntos que cercam o príncipe. Entre eles, estão considerações sobre a utilidade de fortalezas e outras coisas cotidianas, secretários, adutores, influências da fortuna sobre os homens e à respeito da Itália.

14. Sobre os secretários, são de difícil escolha. Os de melhor caráter são os que pensam sobretudo no príncipe, sem procurar útil para si próprio em todas as ações que comete. Adutores: "...Os homens...com dificuldade, defendem-se desta peste..."(cap. XXIII, no. 1).Evita-se as adulações fazendo com que os homens compreendam que não se ofende ao príncipe se dizerem a verdade à respeito do que lhes for perguntado. No tocante da fortuna, se ela "...muda e os homens obstinam-se em suas atitudes, estes terão sucesso enquanto os dois elementos estiverem de acordo e, quando discordarem, eles fracassarão..."(cap. XXV, no. 9).

# Karl Marx

## Materialismo e Comunismo

A tarefa principal da filosofia a serviço da história é o de desmascarar a alienação do homem.

Na religião: Quando a sociedade classista proíbe o desenvolvimento e a realização de sua humanidade, os homens alienam seu ser projetando-o em um Deus imaginário: “a religião é o ópio do povo”

e, antes ainda, no trabalho: o trabalho é externo ao operário, é apenas um meio para satisfazer necessidades estranhas, e o operário torna-se tanto mais pobre quanto maior é a riqueza que produz



**Materialismo Histórico:** “Não é a consciência dos homens que determina seu ser, mas ao contrário, é seu ser social que determina sua consciência.”  
A verdadeira história é a dos indivíduos reais, de sua ação para transformar a natureza e de suas condições materiais. Uma constante Luta de Classes

A estrutura econômica (o modo de produção da vida material condiciona em geral)

A estrutura ideológica (o processo social, político e espiritual da vida direito, moral, filosofia, arte, religião)

O materialismo histórico é também **MATERIALISMO DIALÉTICO**: todo momento histórico gera em seu seio a contradição entre opressores e oprimidos, contradição em que o resultado inevitável é pouco a pouco a superação do estado de coisas existente. A história de toda sociedade é sempre história de luta entre classes, e a época atual mostra o antagonismo fundamental entre:

A **burguesia**, classe dos modernos capitalistas: surgida de dentro da sociedade feudal, era sua contradição e a superou. O capitalista.

o **proletariado**, classe dos assalariados modernos: para viver são reduzidos a vender sua força de trabalho mas destinam-se a substituir a burguesia no poder.

Investe dinheiro (D):

a) *Capital constante*

b) *Capital variável*

para a aquisição de mercadoria (M): meios produtivos e matérias primas força de trabalho

A força de trabalho do proletariado vendida ao capitalista em troca do salário contribui para determinar

O VALOR DE TROCA da mercadoria da qual vem o proveito em dinheiro (D'):


$$D - M - D', \text{ de onde } D' > D$$

(formula geral do processo de produção capitalista)

Portanto, a MAIS-VALIA: isto é, a diferença entre valor de troca da mercadoria e o salário pago pelo capitalista ao operário.

A mais-valia é reinvestida pelo capitalista para não sucumbir à concorrência, e assim se geram a tendência ao **monopólio** e a centralização dos meios de produção

Vai crescendo a rebelião da classe operária, que aumenta sempre mais e está unida e organizada no sentido da **socialização** do trabalho



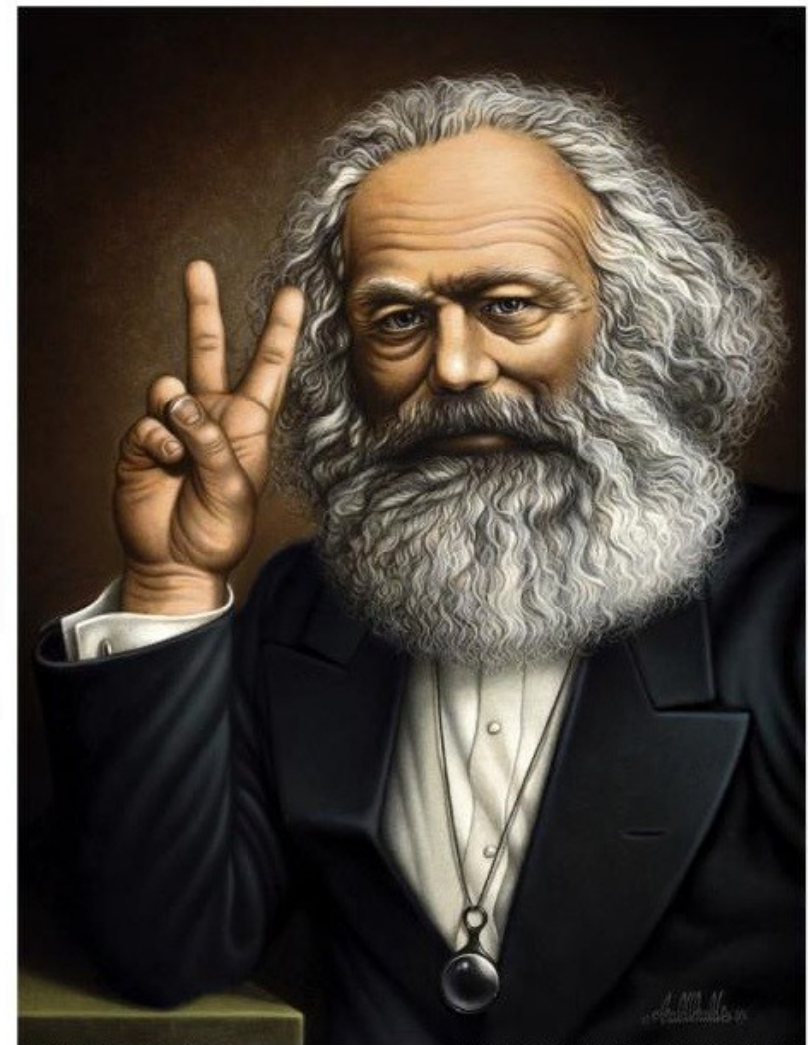
Disso tudo derivarão inevitavelmente a explosão da revolução operária e, depois de uma primeira fase de ditadura do proletariado, o advento do **comunismo**:

*Sociedade sem propriedade privada e, portanto, sem classes e sem Estado*

*Na realidade, Marx pensava que abolida a propriedade privada, o poder político se reduziria gradualmente, até se extinguir, porque o poder político nada mais seria que a violência organizada de uma classe para a opressão da outra.*

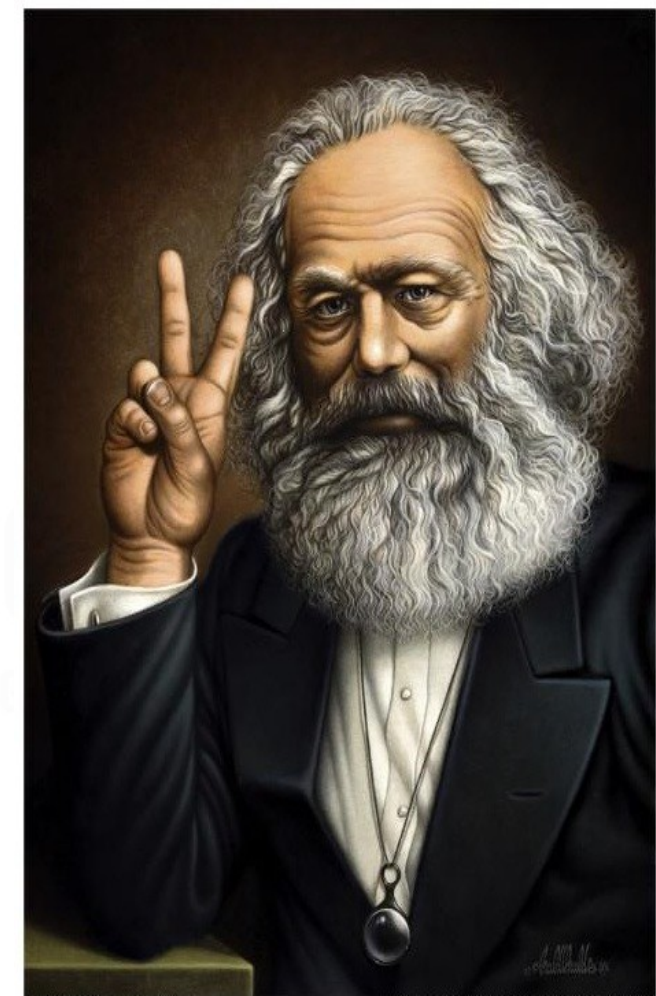
*Isso no entanto, não se realizará de imediato. O que logo teremos será a ditadura do proletariado, que usará seu domínio “para concentrar todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado, isto é, do proletariado organizado como classe dominante.”*

*Isso, obviamente, poderá ocorrer através de intervenções despóticas que, nas diversas situações, levarão a procedimentos como os seguintes:*





- 1- *expropriação da propriedade fundiária e emprego da renda fundiária para as despesas do Estado;*
- 2- *impostos fortemente progressivos;*
- 3- *abolição do direito de sucessão;*
- 4- *confisco da propriedade de todos os emigrados e rebeldes;*
- 5- *concentração do crédito nas mãos do Estado, mediante um banco nacional com capital do Estado e monopólio exclusivo;*
- 6- *obrigação de trabalho igual para todos;*
- 7- *diminuir os antagonismos em cidade e campo.*
- 8- *Instrução pública e gratuita de todas as crianças.*

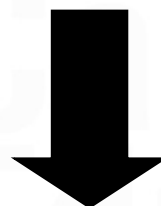




## Michel Foucault (1926-1984)

A sociedade moderna apresenta uma nova organização do poder. O Poder não se concentra apenas no setor político e nas suas formas de repressão, pois está disseminado pelos vários âmbitos da vida social.

### MACROPODERES



### Micro poderes



“Por dominação eu não entendo o fato de uma dominação global de um sobre os outros, ou de um grupo sobre o outro, mas as múltiplas formas de dominação que se podem exercer na sociedade.”

**O objetivo de Foucault, como filósofo, foi de colocar à mostra estruturas veladas de poder tendo por inspiração Nietzsche.**

“Vivemos em uma sociedade que em grande parte marcha “ao compasso da verdade” – ou seja, que produz e faz circular discursos que funcionam como verdade, que passam por tal e que detêm, por esse motivo, poderes específicos”

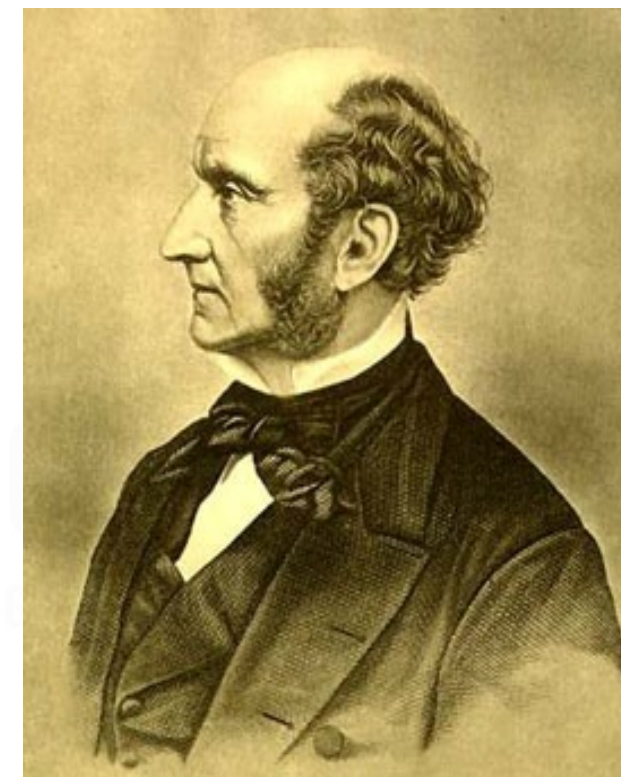
“É preciso cessar de sempre descrever os efeitos do poder em termos negativos ele “exclui”, “reprime”, “recalca”, “censura”, “discrimina”, “mascara”, “esconde”. Na verdade o poder produz: produz o real, domínio de objeto e rituais de verdade.”

### **Sociedade Disciplinar:**

- Práticas de vigilância e punição
- Poder no Saber atinge o corpo, comportamento e os sentimentos.

## John Stuart Mill (1806-1873)

- Economista inglês, de forte influência liberal;
- Representante do positivismo psicológico; nega a possibilidade de uma verdade universal e absoluta;
- Teórico Utilitarista: defende a idéia de que o bem e o mal se seriam relativos ao momento experimentado pelo homem, tornando a utilidade o principal critério para a definição do comportamento a ser seguido pelo indivíduo.
- A liberdade consistiria no direito de escolher a sua forma de vida, devendo para tal superar obstáculos impostos tanto pelo Estado quanto pela opinião coletiva.



A liberdade da Vontade Humana é a capacidade de agir sobre as causas das ações



É conciliável com as ciências da natureza humana (psicologia) as quais versam sobre a necessidade não mecânica nem imodificável



O princípio ético supremo é o UTILITARISMO, ou princípio da máxima felicidade: “As ações são justas à medida que tendem a promover a felicidade; são injustas, à medida que tendem a produzir o contrário da felicidade”



A **Liberdade Civil** é a maior liberdade possível de cada um para o bem-estar de todos e implica:

- a) Liberdade de pensamento, religião, expressão
- b) Liberdade dos gostos, de projetar nossa vida segundo nosso caráter
- c) Liberdade de associação



Conhecida como a pensadora da liberdade, Hannah Arendt viveu as grandes transformações do poder político do século 20. Estudou a formação dos regimes autoritários (totalitários) instalados nesse período - o nazismo e o comunismo - e defendeu os direitos individuais e a família, contra as "sociedades de massas" e os crimes contra a pessoa.

Embora fosse de família hebraica, não teve a educação religiosa tradicional judia e sempre professou sua fé em Deus de forma livre e não-convencional. É importante saber desse aspecto porque Hannah dedicou toda sua vida a compreender o destino do povo judeu perseguido por Hitler. Foi aluna do filósofo Heidegger - com quem teve um relacionamento amoroso - na universidade alemã de Marburgo, e formou-se em filosofia em Heidelberg.

## Hannah Arendt

14/10/1906, Linden,  
Alemanha

4/12/1975, Nova York,  
Estados Unidos





- Exilada, ficou sem direitos políticos até 1951, quando conseguiu a cidadania norte-americana. Então começou realmente sua carreira acadêmica, que duraria até sua morte.
- Combateu com toda a alma os regimes totalitários e condenou-os em seus livros "Eichmann em Jerusalém" e "As origens do totalitarismo". Estuda a formação do conceito da "banalidade do mal".
- Arendt, a teórica do inconformismo, também defendeu os direitos dos trabalhadores, a desobediência civil e atuou contra a Guerra do Vietnã (1961-1975).

- Em “A Condição Humana”, Hannah Arendt define o labor como atividade inerente ao corpo humano no que tange à exigência de manter-se vivo<sup>2</sup>. O labor é a condição de vida comum a homens e a animais sujeitos à necessidade de prover a própria subsistência. Daí a denominação de *animal laborans* para o homem enquanto ser que labora para prover a sua própria subsistência, comumente utilizada na Antiguidade Clássica para nomear a categoria dos escravos.
- Já o trabalho é a atividade correspondente à criação de coisas artificiais, diferentes do ambiente natural e que transcendem às vidas individuais. Ao construtor do mundo foi dado o nome de *homo faber*.

- ***Em “A Condição Humana”, ainda, é apresentada a definição de ação: “Atividade exercida entre homens, independentemente da produção de coisas ou da manutenção da vida, devido ao fato de que os homens e o homem vivem na terra e habitam o mundo”<sup>5</sup>. Existente é a ação porque é a pluralidade humana a condição de existência do homem sobre a terra: somos seres racionais igualmente humanos, mas cada qual apresenta diferenças e variações em seus caracteres individuais e para que se reflitam essas diferenças necessitamos da constante presença e continuado diálogo com os Outros.***

## ATIVIDADE



Canal  
Educação  
PROGRAMA DE MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA



## ATIVIDADE PARA CASA





## NA PRÓXIMA AULA



Canal  
Educação  
PROGRAMA DE MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA